

IMORTAIS DA ACADEMIA
EPISÓDIO 20 – A POLÍTICA PERMEIA A VIDA, A ARTE, AS LETRAS

01:00:17:12

ABERTURA

01:00:22:06

OFF

Quarenta cadeiras que acolhem passado e presente,
Arte e ciência, pensamento e memória,
Legando o que há de mais notável na literatura brasileira.
A cada episódio, uma cadeira a revelar gerações de brasis.
Sob o teto da Academia Brasileira de Letras,
Assenta-se o nobre e glorioso domínio da imortalidade.

01:01:02:14

VIDEOGRAFISMO – Imortais da Academia

01:01:19:09

JOSÉ NÊUMANNE – Jornalista e escritor

O Murilo é uma pessoa encantadora. O Murilo é uma pessoa muito doce. E o Murilo é um homem de um caráter inflexível. Um caráter, só que ele é uma pessoa muito flexível, de um trato muito agradável. Ele é um gênio humilde. Por ter pertencido, na minha opinião, a maior, mais sólida e que mais contribuiu para a história da imprensa e da política no Brasil, geração de todos os tempos no Brasil.

Murilo Melo Filho – Posse em 1999

01:02:58:12

VIDEOGRAFISMO – Cadeira 20: A política permeia a vida, a arte, as letras

01:02:06:02

JOSÉ NÊUMANNE – Jornalista e escritor

Murilo Melo Filho é um potiguar de Natal. Murilo veio para o Rio com dezoito anos. Foi datilógrafo. Depois disso ele foi para o jornalismo, ele entrou na Tribuna da Imprensa, que era um jornal panfletário por excelência. E aí ele foi trabalhar simplesmente com Carlos Frederico Werneck de Lacerda. Um grande tribuno, maior orador que eu vi na minha vida, e um grande jornalista. Mas um grande polemista. Um grande panfletário. O Lacerda não era um repórter. O Lacerda era dono da Tribuna da Imprensa e atuava como inimigo do Getúlio, do esquema do Getúlio, do populismo do Getúlio. E com isso ele praticamente levou ele com mais um discurso do Afonso Arinos, levaram o Getúlio ao suicídio. De qualquer maneira, a escola do Murilo foi essa. Ele trabalhou numa redação, com Carlos Lacerda de patrão e o Aluísio Alves de chefe. Depois ele passou por outras redações, assim, ele passou pelo jornal O Estado de São Paulo, onde eu trabalho. Ele trabalhou com Júlio de Mesquita filho, uma figura mitológica do jornalismo brasileiro. Trabalhou no Estadão com Euclides da Cunha. E por fim trabalhou com Adolpho Bloch. Na Manchete o Murilinho se juntou ao Carlos Heitor Cony, que tinha saído do Correio da Manhã por causa das suas

posições políticas contra a revolução. Ao Arnaldo Niskier, ao Zevi Guivelder, e a outros. Então essa geração é uma geração capital para o jornalismo, para a política e para a democracia no Brasil.

Carlos Lacerda – Jornalista e político

Euclides da Cunha – Posse em 1906

01:03:51:14

OFF

“A notícia do trágico suicídio do Sr. Getúlio Vargas caiu sobre a nação como um raio, como disse, em feliz expressão, o Sr. Café Filho. O rádio levou aos quatro ventos a terrível informação: o Presidente da República acabara de matar-se com um tiro de revólver no coração. O país ficou estarecido. A opinião pública foi traumatizada por um choque emotivo jamais igualado em nossa história.

Agora, passados os primeiros momentos de estupefação, já se pode reconstituir os últimos momentos da vida do Sr. Getúlio Vargas, refazendo, com base no depoimento das pessoas que com êle conviveram até os últimos instantes, toda a série vertiginosa de sucessos que culminaram com o seu gesto surpreendente.”

Vinte Dias Dramáticos

Murilo Melo Filho, em Reportagens que Abalaram o Brasil

01:04:55:00

JOSÉ NÊUMANNE – Jornalista e escritor

E essa geração criou o jornalismo da crônica da notícia. O que gerou de uma certa forma também uma espécie de gênero literário. Essa geração, pouco anterior a do Murilo, da geração do Rubem Braga, dos grandes cronistas brasileiros, que pontificaram no Correio da Manhã, que também era um jornal importante no Rio. Então, o Murilo se tornou um cronista. Ele se tornou primeiro um repórter, segundo um cronista. Porque o repórter se tornou cronista? O repórter trazia a notícia que ele ouvia nos salões sociais e sobretudo no convívio, apareceu na imprensa brasileira o convívio do repórter com as fontes no congresso. Na câmara, no senado, na assembleia legislativa, na câmara municipal. Não tinha câmara municipal na época no Rio, porque o Rio era o Distrito Federal. Mas ele, com um estilo muito elegante, a narrativa do Murilo é muito encantadora. Eu era encantado por aquilo, porque é uma coisa que você lê, você sente prazer na leitura.

01:06:12:28

OFF

O “Milagre Brasileiro” é uma obra otimista, e procura conciliar ufanismo com realismo.

01:06:20:05

JOSÉ NÊUMANNE – Jornalista e escritor

Hoje nós não temos mais aquele jornalismo romântico dos anos 50/60. Mas ainda temos luminares da crônica política, inclusive na Academia. E tem uma coisa que eu sempre admirei no Murilo, a capacidade que o repórter político tem de analisar o fato, torna-lo leve em termo de elegância de estilo, e com isso satisfazer a necessidade que o leitor tem de saber do fato e imediatamente da consequência, e dos resultados todos do fato.

01:06:54:22

OFF

O jornalismo proporcionou a Murilo Melo Filho estar presente em marcos da nossa história recente.

Na cadeira 20, ele sucede à alguém que teve a política como pauta de vida:

Lyra Tavares, general atuante na ditadura, cuja eleição para a ABL, diz-se, bebeu mais da própria política que das letras.

01:07:23:14

DIOGO CUNHA – Doutor em história

O Lyra Tavares ele tem uma história interessante porque, um militar de carreira que saiu subindo na hierarquia do exército. Era tido como um militar intelectualizado, que escrevia poesias, que curiosamente assinava com um pseudônimo feminino, que era o Adelita, que são as iniciais do nome e sobrenome dele. E o Lyra Tavares ele vai ao longo da carreira dele ocupando várias posições importantes no exército. No momento do Golpe de 64, segundo vários analistas, ele tem uma atuação destacada, não chega a se arriscar particularmente, e em seguida é nomeado para o 4º Exército, se eu não me engano, responsável pelo Nordeste do país. Em seguida na direção a Escola Superior de Guerra, até ser nomeado Ministro da Guerra de Costa e Silva. Naquele momento era a posição mais importante abaixo da presidência. Vários historiadores fazem uma avaliação muito negativa da passagem dele pelo ministério. Quando a gente lê os volumes do Gaspari, o Gaspari ele é ainda mais crítico, não só com relação a passagem pelo Lyra Tavares no ministério, como pela própria, as próprias aptidões intelectuais do Lyra Tavares. Eu lembro bem de uma passagem que diz que, do livro do Gaspari, em 2002, que diz que o Lyra Tavares entrou para a Academia sem nunca ter feito as pazes com a gramática. É importante quando a gente pensa não só na eleição do JK e do Bernardo Élis, como também na de Lyra Tavares e na do Ledo Ivo de 68, não dissociar essas duas eleições do, vamos dizer assim, doação que os militares fazem para a Academia, do pavilhão que fica ao lado do Petit Trianon, e em seguida do financiamento pra construção do que é hoje o Palácio Austregésilo de Athayde. O que não quer dizer que outros fatores tenham de alguma forma influenciado. Outros acadêmicos, ou uma convivência ideológica mesmo, uma proximidade com o regime. Eu acho que esse interesse material, esse interesse de conquistar e conseguir essa doação, que é o que várias fontes mostram, é um elemento dessa, dessa eleição.

Aurélio de Lyra Tavares – Posse em 1970

01:10:25:01

VINHETA – Estamos apresentando

01:10:43:08

VINHETA – Voltamos apresentar

01:10:52:06

OFF

O patrono da cadeira 20 alcançou fama ainda em vida.

Joaquim Manuel de Macedo, consagrado já no romance de estreia, “A moreninha”, foi o autor mais lido de seu tempo.

E ainda hoje ecoa não apenas como exemplar do romantismo, mas como memória de uma época.

01:11:16:29

ALCMENO BASTOS – Doutor em teoria literária

Macedo é conhecido pelo lado perfume, como romancista edulcorado. Aquela narrativa água com açúcar, com inevitável “happy end”. Os primeiros romances dele, inclusive “A moreninha”, seguem essa espécie de fórmula. Mas Macedo tem outra face. Então ele tem esse lado memorialista, ele tem o lado satírico em obras como “Memórias de um sobrinho de meu tio”, pra sintetizar, são retratos muito cáusticos da política brasileira. E mais à frente quando ele resolve, digamos, acrescentar um dado mais realista, ele tem obras como “As vítimas algozes”, já é uma contradição, que trata dos males da escravidão. Uma denúncia, são três novelas, uma denúncia da escravidão que ele vê como o desagregador da família brasileira, porque estimula no escravo o desejo de se vingar dos donos, dos patrões. Então a obra dele não é toda só o romance cor de rosa. Mas essa segunda parte já não obteve no público a mesma receptividade que teve a primeira com “A moreninha” e etc.

Joaquim Manuel de Macedo – Patrono da Cadeira 20

01:12:43:14

OFF

“Sempre entendi, que um atalho é um caminho mais curto do que a estrada real; aquele porém em que eu acabava de entrar era vinte vezes mais comprido: estava no caso dos orçamentos de despesa do império, em que os artigos aditivos são mais extensos, do que todo o corpo da lei. O homem das botas chamava *atalho* ao mais evidente e dilatado *desvio*.”

A carteira de meu tio

Joaquim Manuel de Macedo

01:13:18:03

CARLOS NEWTON JÚNIOR – Professor e escritor

Ele tem romances de crítica política que são muito bons. Por exemplo “A carteira de meu tio” e “Memórias de um sobrinho de meu tio”, esses dois romances, se você ler, qualquer brasileiro que ler esses romances hoje vai encontrar na nossa política, tudo que você encontra de pior na nossa política hoje, você vai ver no século dezenove, no segundo reinado. É impressionante a crítica que ele faz é uma crítica de uma atualidade impressionante. Um sátira política. Então esses romances são menos conhecidos do que “A moreninha”, por exemplo. Ele é considerado um romancista pra, Raquel de Queiroz dizia assim, falava assim, dizia sobre “A moreninha”, “O romance mais mimoso da nossa literatura. Um romance para mocinhas e coisas dessa natureza”. E ele ficou conhecido como o romance pra, na sua época, pra moças. Aquela literatura mais fácil e etc. Mas ele tem muita Rio de Janeiro. Ele tem um livro que eu gosto muito, “Memórias da Rua do Ouvidor”, que são crônicas, ele conta toda a estória da Rua do Ouvidor à partir de seus personagens. Um escritor de grande envergadura e que acabou sendo considerado um escritor menor. Mas isso aí faz parte da literatura, da estória da literatura. Daqui há alguns anos alguém pode resgatar Macedo na sua grandeza. Eu digo sempre assim, a estória da arte ou a estória da literatura, ela tem o dever de retificar ou ratificar críticas. Porque a crítica é feita muito no calor da hora, e a estória não. Você com um certo tempo você pode voltar e redimensionar autores que muitas vezes estavam esquecidos, num certo ostracismo. Isso acontece em qualquer época.

01:15:09:20

OFF

Além de Joaquim Manuel de Macedo, a Cadeira 20 abrigou outro autor de enorme popularidade. Humberto de Campos repetiu o feito de figurar entre os mais lidos de seu tempo.

01:15:24:19

GILBERTO ARAÚJO – Doutor em literatura

É de fato uma coisa espantosa o sucesso do Humberto de Campos aqui no Rio de Janeiro no início do século vinte, porque ele veio do Maranhão, como muitos outros também aportaram aqui e ficaram apagados. Mas ele e Coelho Neto acho que constituem o caso de maior sucesso literário que a gente teve no início do século. Humberto, que faleceu com quarenta e oito anos, e totalizou certa de cinquenta volumes. E acho que o torna muito específico isso é que tendo um obra muito vasta ele conseguiu também vender muito. E além disso ele encarava a literatura como uma profissão. Então era preciso escrever muito pra também conseguir subsistência. Ele começa a carreira ainda como poeta num livro chamado “Poeira”, parnasiano, ainda com verso rigorosamente metrificado, gosto pelo soneto, e depois ele encontra na crônica sua maneira de comunicação mais aberta com o público, então as crônicas do Humberto eram muito esperadas no jornal, e quando elas atingiam a forma de livro também conseguiam uma vendagem espantosa. Então acho que isso justifica tanto o nível de sucesso em número de livros, quanto também de venda. Eu acho que esse sucesso se deve principalmente a uma comunicabilidade muito grande que ele tinha com o leitor. Então era um estilo muito fácil, agradável, e ele trabalhava temas que em geral eram populares. Então, o problema por exemplo da falta de emprego, da falta de alimento, a situação do negro na sociedade. E às vezes também, não só porque ele agradava, mas porque ele alfinetava algumas figuras importantes da sociedade. Então alguns medalhões ali do início da república eram atacados por ele. E tinha posições também polêmicas, por exemplo ligadas a mulher. Então acho que esse conjunto de polêmica, comunicabilidade e questionamento do poder fizeram com que ele conseguisse esse sucesso inicial.

Humberto de Campos – Posse em 1920

01:17:06:02

OFF

“Não cheguei muito alto, de modo a ombrear com os escritores notáveis do meu país, porque vim de muito baixo. Mas percorri maior distância do que eles, porque vim de mais longe.”

Memórias, 1886-1900

Humberto de Campos

01:17:24:22

GILBERTO ARAÚJO – Doutor em literatura

Eu acho que Humberto de Campos caiu no esquecimento e felizmente nos últimos cinco anos eu tenho notado um resgate ainda muito lento da obra dele. Acho que já foram reeditados os dois volumes importantes do “Diário secreto”, eu próprio tive a oportunidade de organizar uma seleção de crônicas dele, e eu acho que esse esquecimento se deve principalmente as opiniões políticas ou ideológicas do Humberto. Então como foi um autor muito **XXX** a modernidade, contrário a pluralidade, tinha certa rejeição a participação feminina na sociedade. Então são todos pontos que a vida contemporânea elegeu como questões principais e que ele ia exatamente em direção contrária. Então isso fez com que ele ficasse uma figura politicamente incorreto. Apesar disso ele tem a valorização de alguns mitos nacionais. Por exemplo ele acreditava que o trabalho dignifica o homem. Então isso é um grande mito brasileiro, que

você precisa construir alguma coisa à partir do próprio esforço. Isso Humberto tinha. Mas eu acho que as opiniões dele que são hoje mal vistas na vida contemporânea causaram esse esquecimento dele. Porque não é um problema só estilístico. Porque Coelho Neto, por exemplo, você pode dizer que tem um estilo pesado. Mas ele era muito comunicativo.

01:18:32:11

OFF

Imediatamente antes de Humberto de Campos, sentou na cadeira 20 outro autor pouco chegado às convenções sociais.

Emílio de Menezes tem a boemia e a sátira como maiores marcas biográficas.

Quando eleito para a ABL, preferiu abdicar da cerimônia de posse a subtrair o tom chistoso de seu discurso censurado.

01:18:59:12

CLAUDETE DAFLON – Doutora em letras

Quando você lê os poemas de Emílio de Menezes, você percebe que ele tem toda uma associação com um estética parnasiana, que é uma estética do verso tradicional. Ele era amigo do Olavo Bilac, ele era amigo do Humberto de Oliveira. Então, existe um lado dele que não pode ser ignorado, que não está dissociado da situação ou da condição dele de polemista, que é na verdade um sujeito inserido numa sociabilidade da época. Então por exemplo Bastos Tigre quando ele vai escrever as reminiscências dele e ele vai se dedicar a pensar os encontros na Confeitaria Colombo, ele vai dedicar uma parte do livro ao Emílio de Menezes, mencionando inclusive vários episódios interessantes dos encontros dessa figura pitoresca, digamos assim, de uma, de uma cidade que estava se modernizando, que estava vivendo sua “belle époque”, e que tinha ali uma vida literária no centro da cidade, associada aos jornais e à Academia Brasileira de Letras. Ao lado disso e não dissociado, e acho que é bem importante pensar nisso, o sujeito que faz os elogios, está o sujeito que faz as críticas. O satirista, o humorista, ele é o sujeito do jornal. Então, o que a gente tem que compreender é que o Emílio de Menezes ele está vivendo o momento em que cada vez mais o literato tem que vender os eu trabalho. Então é um processo de profissionalização que o escritor vai sofrendo, na sua relação inclusive de sobrevivência com o jornal, e no jornal ele vai tanto exercitar o seu verso seja “O decassílabo heroico”, seja “O alexandrino”, sempre no sentido do cômico. Mas junto com os sonetos que ele vai praticar, ele vai também praticar formas breves, os epigramas, os epigramas que vão se tornar populares. Então essa veia digamos assim, da sátira, que alguns vão dizer “não é bem um satirista, é um humorista”, outros vão dizer “não, é um caricaturista”, é uma forma também de ocupar o espaço de entretenimento dentro do jornal.

Emílio de Menezes – Posso em 1918

01:21:23:16

OFF

“Nem ótimo, nem péssimo. Vai indo.

Personificação do meio-termo,

Veio das vascas do governo findo

E é um paliativo no país enfermo.

Ora galgando altura, ora caindo,

Ora na multidão, ora num ermo,

Alguns afirmam que é um talento lindo,

Outros que é um pobre e simples estafermo.
De livres-pensadores teve os votos,
Continuando entre os boatos e os devotos,
A ser o que carrega a maior trouxa.
Da presidência, em meio à lufa-lufa,
Quanto mais se lhe bate – mais estufa,
Quanto mais se lhe aperta – mais afrouxa.”

W.B.

Emílio de Menezes, em Mortalhas, os deuses em ceroulas

01:22:15:27

CLAUDETE DAFLON – Doutora em letras

O que se diz do Emílio de Menezes é que ele perdia o amigo mas não perdia a piada. Isso eu li em vários autores que fazem essa consideração, que se relacionaram com ele. Que às vezes ele não poupava o amigo, não é porque não fosse amigo, mas é porque ele era um gracejador. Então o polemista ele tem essas duas faces. Então tem os amigos e tem os não tão amigos assim. E isso aparece claramente nas questões relacionadas a eleição na Academia Brasileira de Letras. Há os que defendem e há os que são contrários. Aí tem toda a estória por exemplo do Machado não ter visto com bons olhos. Não desejar a entrada do Emílio de Menezes, mas não se restringiu ao Machado, porque depois quando ele tenta novamente a eleição na Academia, ele vai receber uma oposição ferrenha do Oliveira Lima, que era um membro que ele já tinha atacado. E ele vai atacar de novo no discurso de posse. Um discurso de posse que o Medeiros de Albuquerque vai vetar, vai censurar porque vai dizer “olha, você fez um discurso que ataca dois imortais. O Afrânio Coutinho e o Oliveira Lima”. Criasse um impasse, porque como ele não faz a correção, não altera o seu discurso, ele morre em 1918, antes de tomar posse.

VIDEOGRAFISMO

Cadeira 20

Patrono – Joaquim Manuel de Macedo

Fundador – Salvador de Mendonça

Emílio de Menezes

Humberto de Campos

Múcio Leão

Aurélio de Lyra Tavares

Atual – Murilo Melo Filho